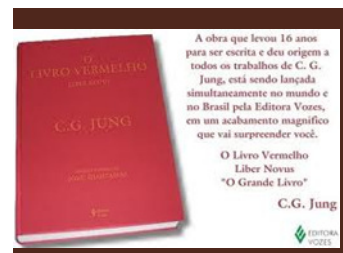
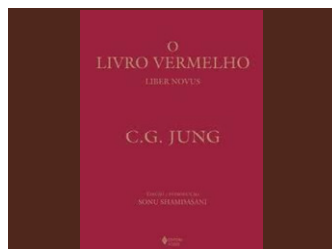
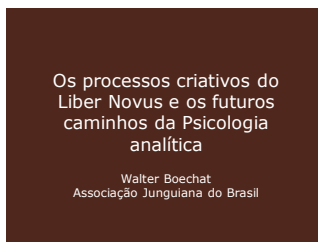


Os Processos criativos do Liber Novus e os futuros caminhos para a Psicologia Analítica.

WALTER BOECHAT



INTRODUÇÃO

O grande acontecimento editorial na área da psicologia é sem dúvida o *Liber Novus* de C.G.Jung, também chamado de O Livro Vermelho. Foi escrito a partir de dezembro de 1913, período crítico da separação de Jung do movimento psicanalítico. Sua escrita se prolongou durante 16 anos até 1930 em forma totalmente original e única representando um testemunho de grande brotamento criativo.

O Livro Vermelho não pode ser considerado uma obra de psicologia clássica. É antes uma descrição viva de um desfilarmas imagens internas poderosas com as quais Jung interage e dialoga de forma ativa, procurando com sua curiosidade permanente o significado mais definitivo, sua mensagem última, o que traziam de sentido final para a mente consciente. O escrever e mesmo o configurar essas experiências em forma de imagens plásticas de grande beleza e significado ajudaram-no em um processo de desdobramento e gradual integração simbólica. Jung afirmou em sua autobiografia *Memórias, Sonhos e Reflexões* que a melhor forma de confrontar emoções primitivas internas seria procurar dar forma a elas, lhes conferir algum tipo de configuração

estética. Nesse livro esse postulado fundamental é expresso a todo o momento, pois o Livro Vermelho é um constante personificar de conteúdos inconscientes, um diálogo com esses conteúdos e uma tentativa de integração.

O FORMATO DO LIVRO VERMELHO



Jung escreveu esse importante livro em escrita tradicional gótica. Certas citações, principalmente no primeiro volume, estão em latim. O formato do que chamou *Liber Primus* mantém-se dentro da tradição medieval: sua paginação é em formato de *folios*. O *rectum*, a parte da frente, é a página à esquerda de um livro aberto à nossa frente, o *versum*, a parte de trás, a página à direita. Mesmo as numerosas ilustrações do Livro Vermelho seguem a técnica medieval da têmpera, modo de ornamentar os altares medievais antes do advento da técnica do óleo sobre tela. Na têmpera, normalmente usada sobre a madeira, os pigmentos são misturados com água e clara de ovo, produzindo a peculiar impressão de profundidade e transcendência mística das pinturas religiosas medievais. A própria estrutura do livro parece transmitir a importância e o valor que a tradição medieval sempre teve para Jung; ele disse certa vez que o homem moderno perdeu a segurança do homem medieval pela perda das tradições e valores típicos daquela época.¹ Em diversas ocasiões disse também da importância que a idade média teria para o desenvolvimento de seu processo psicológico pessoal.

¹ Jung, em O.C. Vol. 10, §163: “O homem moderno perdeu todas as certezas metafísicas da idade média, trocando-as pelo ideal de segurança material, do bem estar geral e do humanitarismo.”



Em sua auto-biografia e diversas partes de sua Obra Completa. Jung enfatiza a importância da idade média. É como se as referências metafísicas da idade média fossem fundamentais para a organização da consciência coletiva do homem ocidental moderno. Desde suas conferências em tempos de universitário, as conhecidas Conferências do Clube universitário Zofingia, Jung sempre teve uma postura de desconfiança em relação ao paradigma da modernidade com sua ênfase exagerada na ciência e uma postura dissociada da natureza e dos instintos. Na verdade defendia certos valores medievais como necessários para a evolução da consciência coletiva ocidental, uma construção introvertida necessária para a formação dos valores do homem contemporâneo. Uma análise do período medieval demonstra facilmente que sem o desenvolvimento de valores como a escolástica no silêncio dos mosteiros e da alquimia na reclusão dos laboratórios dos filósofos, o renascimento não teria sido possível. O período medieval foi uma época de introversão da libido cultural, uma introversão necessária para a elaboração de valores, tão necessária que após o *incubatio* medieval houve a energia psíquica disponível para um fenômeno cultural extrovertido tão criativo como o renascimento, inicialmente um fenômeno italiano, depois se estendendo por toda a Europa, um fenômeno extremamente extrovertido, manifestando-se nas artes e nos descobrimentos.

Penso que Jung procurou nessa busca formal do tempo medieval um caráter de aprofundamento e reflexão, o silêncio do claustro, o tempo refletido e meticuloso do copista medieval, a beleza detalhista de uma iluminura. A idéia da idade média como uma época de vida interior e respeito ao mistério do dogma reflete-se no contexto do *Liber Novus*, um livro que ousa desafiar os arroubos de superioridade onipotente da tecnologia da modernidade.

As referências medievais vão aparecer também no primeiro capítulo de *Tipos Psicológicos* (1921) onde Jung faz um estudo aprofundado de tipos opostos na antiguidade, desde os primeiros padres da Igreja, do 1º sec., de tipologia oposta Tertuliano (tipo pensamento) e Orígenes (tipo sentimento) até Zwinglio e Lutero, que divergem devido à sua maneira oposta de interpretação do dogma da transubstanciação na ceia cristã, Zwinglio por ser introvertido a vê como puramente simbólica, Lutero, extrovertido, dá um caráter concreto à transubstanciação, o que estava mais de acordo com a época. Jung faz também um alongado estudo da filosofia escolástica medieval com seus grandes opostos do nominalismo e realismo. O nominalismo (que defende que o ser individual tem primazia sobre as palavras que o definem, essas seriam em si vazias) e o realismo, defendendo a primazia dos conceitos gerais sobre os seres individuais. Jung se deteve na importância da filosofia escolástica em dar continuidade aos grandes opostos da natureza humana, o interesse pelo abstrato, geral ou pelas características específicas de cada ser em particular. Jung lembra que o *esse in re* (ser na coisa individual) do nominalismo se opõe ao *esse in intellectu* (ser no espírito) do realismo não encontrando aqui uma mediação e propõe um termo médio, um *tertio*, que seria *esse in anima*, o ser na alma. A psicologia, ciência que derivaria da filosofia muito tempo depois é a única capaz de dar conta desse *esse in anima*, dessa permanência rigorosa no fenômeno psicológico como realidade. A questão fundamental defendida na psicologia analítica da realidade da alma tem suas origens nas preocupações de Jung com a mentalidade medieval.

Penso que Jung procurou nessa busca formal do tempo medieval um caráter de aprofundamento e reflexão, o silêncio do claustro, o tempo refletido e meticuloso do copista medieval, a beleza detalhista de uma iluminura. A idéia da idade média como uma época de vida interior e respeito ao mistério do dogma reflete-se no contexto do *Liber Novus*, um livro que ousa desafiar os arroubos de superioridade onipotente da tecnologia da modernidade.

O CARÁTER ELABORADO DO LIVRO VERMELHO

É importante enfatizar que o Livro Vermelho não é uma obra apenas fruto de um brotamento espontâneo do inconsciente; isto é, uma obra feita de forma extática a partir de uma inspiração súbita. O *Liber Novus* é uma obra cuidadosamente elaborada, feita mesmo em diversas camadas ou períodos que se estendem pelos anos. Curiosamente, o Livro Vermelho é mais editado ou elaborado que diversas obras de Jung, como se constata nas Obras Completas. O livro *Resposta a Jól* (O.C. vol. 12) é apenas um exemplo de obra fortemente inspirada, feita como comentou Marie-Louise Von Franz sob forma de forma inspiração, num período em que Jung estava passando por um tipo de febre.² A febre teria cessado após a feitura do livro. Outros trabalhos nas Obras Completas necessitariam, talvez, de uma melhor revisão ou edição. O Livro Vermelho, ao contrário foi cuidadosamente editado e revisado por Jung, como comentou Sonu Shamdasani, seguindo etapas bem definidas:³

1.) Uma coleção de imaginações espontânea reunidas até 1902 nos Livros Negros, em número de seis.

2) O período de imaginações ativas começando em dezembro de 1913 até meados de 1915.

3) A digitação gráfica dessas imaginações, sua elaboração, após cuidadosa reflexão.

4) Após colecionar essas notas, essas são enviadas para amigos próximos, pedindo opinião sobre essas experiências.

A presença aqui de pessoas que opinam e trocam impressões com Jung, julgo da maior importância. Shamdasani chama a atenção para o fato de diversas fantasias iniciarem-se com a exclamação: “Senhores!”, segundo ele uma clara indicação que as experiências são para ser partilhadas e divididas entre as pessoas. Vejo aqui o contraponto de uma saudável extroversão criativa, a uma introversão reflexiva. A presença de uma preocupação com o outro é significativa e também enfatiza que o

² Marie Louise Von Franz, *C.G.Jung, his myth in our time*, p. 161.

³ Vide a entrevista de Sonu Shamdasani a Ann Casement no *Journal of Analytical Psychology*, Vol. 55 No 1, 2010, p. 35 e ss.

Liber Novus devesse ser publicado, e talvez já devesse ter sido publicado para gratificar a todos os genuinamente interessados em conhecer melhor a essência das experiências de Jung e a geração de sua fascinante obra. Ao contrário, os *Livros Negros* foram escritos em forma mais pessoal, uma organização de experiências subjetivas de maneira mais intimista.

OS DOIS NÍVEIS DA OBRA



Podemos perceber pelos diversos planos de escrita que o *Liber Novus* é uma obra cuidadosamente elaborada em dois níveis. Em uma primeira fase há a emergência de imagens espontâneas, configurações simbólicas de grande intensidade emocional, uma polifonia de imagens estranhas e inesperadas. Em um segundo nível, essas densas imagens são trabalhadas dentro de um processo reflexivo, simbólico-interpretativo. Temos aqui em organização dialética a dinâmica mental que Jung denominou *os dois tipos de pensamento*, em sua obra *Símbolos de Transformação*⁴: Um seria o pensamento circular, mitológico, pertencente ao inconsciente à linguagem dos sonhos e da fantasia. O outro, o pensamento racional ou adaptativo, típico da consciência. Os símbolos do processo de individuação estariam brotando pelo confronto dos dois tipos de pensamento de sua elaboração criativa.

Considero importante a permanência desses dois tipos de pensamento: o pensamento mitológico permite a sobrevivência espontânea da experiência das imagens originais, o pensamento racional é um modo mais consciente, uma tentativa de integração da experiência nova à vida racional cotidiana. Lendo as experiências irracionais de Jung, por vezes inteiramente fora das expectativas da mente consciente, percebemos que a mente racional entra com explicações racionais das experiências numa tentativa de ordenação das experiências de forma a se organizarem de forma

⁴ C.G.Jung, *Tipos psicológicos*, 1911. Parte I, Cap. II: As duas formas de pensamento.

mais ou menos acessível para a consciência. O recurso simbólico oferece dentro dessa dinâmica um meio termo, *in media res*, para um caminhar com certa lógica entre o insólito do inconsciente e o já conhecido da consciência.

COMO TUDO TEVE INÍCIO: OS COMEÇOS DO LIBER NOVUS

O começo de todo esse processo de confronto com o inconsciente se deu com uma impressionante visão que Jung levou também para seu livro de Memórias:

“Aconteceu em outubro de 1913, quando estava sozinho numa viagem, que fui de repente surpreendido em pleno dia por uma visão: vi um dilúvio gigantesco que encobriu todos os países nórdicos e baixos entre o mar do Norte e os Alpes. Estendia-se da Inglaterra até a Rússia, das costas do mar do Norte até quase os Alpes. Eu via as ondas amarelas, os destroços flutuando e a morte de incontáveis milhares. Esta visão durou duas horas, ela me desconcertou e me fez mal. Não fui capaz de interpretá-la”. (Jung, *Liber Primus*, O Livro Vermelho).

O tema de destruição final do mundo levou Jung a julgar que ele próprio estaria ameaçado de grave doença mental, talvez uma psicose. Assim como essa visão, outros sonhos, fantasias e fortes imagens de destruição e guerra a partir do outono de 1913. A visão repetida ocorrendo em outubro de 1913 tem de início um sentido bastante significativo e premonitório para o mundo objetivo, pois logo após a Europa entraria em época de enorme dor e destruição que seria a primeira grande guerra (1914-1918) com seus três milhões de mortes e inenarráveis sofrimentos. A visão inclui precisamente as fronteiras européias que seriam posteriormente cobertas com um mar de sangue e cadáveres. Entretanto, por uma forte razão, isto é, o acompanhamento do estado subjetivo de Jung e sua vivência de transformação psicológica, podemos entender a visão *também* de forma subjetiva, como *também* descrevendo a revolução interna pela qual passaria o autor.

Ele atravessava, o que ele mesmo definiria mais tarde, uma crise de metade de vida. Estava com trinta e sete anos, e sua separação de significativa figura de Freud e do movimento psicanalítico foi uma das manifestações mais significativas do seu profundo período de mudança interior. A outra manifestação foi sem dúvida alguma a própria produção do Livro Vermelho, livro que expressa, de forma direta, o contato de Jung com suas figuras internas. Essa confrontação foi a *matéria prima* de construção de seus conceitos teóricos mais fundamentais, o conceito de Anima, de Processo de Individuação e do arquétipo do Si - mesmo.

“Quando tive, em dezembro de 1913, a visão do dilúvio, isto aconteceu numa época que foi muito importante para mim como pessoa. Naquele tempo, por volta dos meus quarenta anos de vida havia alcançado tudo o que eu desejara. Havia conseguido fama, poder, riqueza, saber e toda a felicidade humana. Cessou minha ambição de aumentar esses bens, a ambição retrocedeu em mim, e o pavor se apoderou de mim.” (Jung, Liber Primus, “O reencontro da alma”, cap. 1.).

Todo seu mundo interno, toda sua herança pessoal como homem rigorosamente educado em cultura européia de valores sofisticados, tudo isso estava sendo posto em cheque e sendo levado pelas águas. A morte de símbolos significativos, a *transvaloração de todos os valores*, tudo estava ameaçado de morrer. Como lembrou Jung na ocasião: “pensei que meu espírito havia ficado doente”. (Liber Primus).

A MORTE DO HERÓI.



Dias mais tarde a essa visão (18 de dezembro de 1913), um sonho muito particular estaria trazendo novamente a questão de eventos internos estarem indissolúvelmente ligados ao mundo externo:

“Mas na noite seguinte tive uma visão: Eu estava numa montanha alta com um adolescente. Era antes da aurora, o céu no lado leste já estava claro. Soou então sobre as montanhas a trompa de Siegfried em tom festivo. Sabíamos que nosso inimigo mortal estava chegando. Estávamos armados e emboscados num estreito caminho de pedras, com a finalidade de matá-lo. De repente, apareceu ao longe, vindo no cume da montanha num carro feito de ossos de pessoas falecidas. Desceu com muita destreza e glorioso pelo flanco rochoso e chegou ao caminho estreito onde o esperávamos escondidos. Ao surgir numa curva do caminho, atiramos contra ele, e ele caiu mortalmente ferido. Em seguida preparei-me para fugir, e uma chuva violenta desabou”. (Jung, *Liber Primus*, “O assassinato do herói”).

Aqui há a mensagem de que o herói deve ser morto e assim foi entendido por Jung. No mundo externo revoltosos estariam matando heróis e figuras representativas também. O sonho antecedia ao assassinato do Arquiduque Francisco Fernando da Áustria por revoltosos em Sarajevo . Esses acontecimentos violentos iriam precipitar a primeira guerra mundial. Em suas reflexões, Jung percebia que antigos valores seus que tinha em alta conta deveriam perecer. Comentou que embora Siegfried, o herói mais famoso da *Canção dos Niebelungos*, ode mitológica nórdica do século XII , não lhe era de particular admiração. Entretanto, nesse caso em particular, estaria

representando os mais altos valores para a consciência que deveriam ser abandonados. É curioso que Jung é ajudado “por uma personificação do inconsciente coletivo”, “o homenzinho trigueiro” como Jung anotou posteriormente nos Livros Negros. Esse homenzinho é uma configuração da sombra que deve ser levada em conta para a mudança de atitude. É uma expressão do que Jung chamaria muito mais tarde de arquétipo do *trickster*, algo aparentemente inferior na personalidade, mas ao contrário, pode ser o portador da redenção como nesse caso.

Príncipes e heróis sacrificados no mundo de fora, o herói sendo assassinado no mundo subjetivo. Essas e outras sincronicidades marcando momentos altamente significativos para o mundo ocidental e para o indivíduo Jung. Quando mudanças fundamentais ocorrem no mundo externo e interno, essas coincidências significativas tendem a se manifestar.

A confrontação dos antigos valores da consciência com novas questões para a renovação adquiriu nessas visões e sonhos do Livro Vermelho várias representações, além do herói velho que deve morrer. Jung se prolonga em várias partes de seu livro descrevendo a intervenção de dois princípios opostos: o *Espírito da Época*, representante dos valores da consciência, e o *Espírito das Profundezas*, representação de novos valores. A linguagem do Espírito da época obedece ao cânone já conhecido e ao já esperado, o familiar. O Espírito da profundidade traz algo inteiramente novo, o surpreendente. O espírito da época são os valores institucionais importantes para a persona, o espírito da época representa uma renovação criativa, uma inspiração.

A VALORAÇÃO DO SÍMBOLO



O símbolo adquire uma importância central para a organização orgânica do livro e Jung determina esse fato desde as primeiras reflexões do Liber Primus, quando fala do caminho daquele que virá. Cita palavras do profeta Elias falando do caminho do salvador. A interpretação de Jung para o Salvador, é que o Salvador é o símbolo, porque só o símbolo pode abrir caminhos novos.

Mas a interpretação simbólica e a amplificação histórica não esgotam a questão da realidade da alma, central nessa confrontação com as figuras do inconsciente. As próprias figuras se afirmam como reais, do ponto de vista psicológico.

Pode-se citar como exemplo os capítulos finais do Liber Primus, quando ocorre a interação de Jung com Isaías e Salomé. Depois de toda a surpresa de uma proximidade de um casal tão diferente entre si, um profeta do antigo testamento sendo o pai de uma mulher pagã, responsável pela decapitação de João Batista, ocorre todo um trabalho de amplificação e de interpretação psicológica.

É digno de nota que o próprio Elias não aceite que ele e Salomé sejam símbolos, afirmando que essa é uma colocação racional de Jung que não faz justiça a eles. Elias e Salomé, eles próprios, se afirmam como figuras reais. Aqui se descortina o conceito de realidade psicológica que Jung aprofundará posteriormente em Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico (O.C. Vol. 8) obra de 1939, e outras obras de fase posterior de seu processo criativo. A questão teórica dos opostos psicológicos, intensamente trabalhada na pesquisa de Jung sobre os tipos, já encontra na figuras de Elias e Salomé um terreno extenso para pesquisa teórica de Jung. Em

um processo secundário racional de elaboração, Jung procura ver em Elias sua função pensamento mais diferenciada e em Salomé, mulher cega, sua função sentimento menos diferenciada. Vejo nessa elaboração racional uma forma da consciência se proteger do poder numinoso das imagens do inconsciente coletivo, pois como o próprio Elias irá afirmar, ele é Salomé não são símbolos, mas têm existência real, assim como são reais os objetos do mundo circundante para Jung.

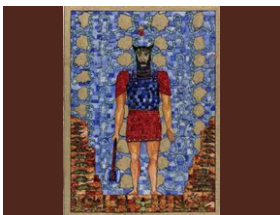
Também a articulação com o método de amplificação histórica tem seu lugar na figuras de Elias e Salomé. Em enorme esforço de procurar compreender o quase incompreensível das figuras, Jung procura associar figuras históricas de velhos profetas acompanhados de jovens mulheres, o par Velho Sábio-jovem mulher, que aparece no antigo alquimista grego Zóximo e sua sóror Theosebéia, em Simão Mago, velho gnóstico do século II e sua jovem acompanhante, que na lenda, portava o nome de Helena, assim como em diversos outros pares da história da filosofia, da alquimia, da religião e dos contos de fada. Esses pares falam do eterno fluxo da energia psíquica dentro do processo de transformação psicológica.

Aparecem ainda em diversos pontos da narrativa vivências surpreendentes que fogem totalmente a qualquer lógica consciente. A abordagem da serpente de Elias, por exemplo. A serpente como que por dinâmica própria subjetiva da imaginação passa de Elias para Jung. Esse processo parece-me fundamental na dialética da consciência com o poder autônomo das imagens. O inconsciente tem um grande poder de fascinação, mas é fundamental a posição dialética da consciência. A consciência daquele que imagina sai fortalecida do processo. A serpente como símbolo básico da libido, passando de Elias para Jung, simboliza o fortalecimento da consciência no processo dialético com as figuras do inconsciente.

Em todo o Livro Vermelho há essa riqueza energética das imagens, mas a posição interpretativa da consciência é fundamental. Nesse momento é importante a não identificação com as imagens. Parece-me que um certo esvaziamento do poder fascinante de Elias aqui é importante, dentro do processo dialético, embora a serpente mantenha sua força, como símbolo da identidade original.

O EMPREGO DE ILUSTRAÇÕES NO LIVRO VERMELHO

Um dos traços de maior originalidade no Livro Vermelho é o emprego de numerosas ilustrações. O estilo dessas ilustrações já é significativo, o estilo em têmpera, expressão medieval de um misticismo profundo e rebuscado. Tem-se a impressão que Jung sentiu que certas experiências seriam de tal forma profundas e misteriosas em seu significado que a linguagem puramente verbal não seria suficiente para dar conta da experiências. Só a ilustrações poderiam apontar para certo caminho.



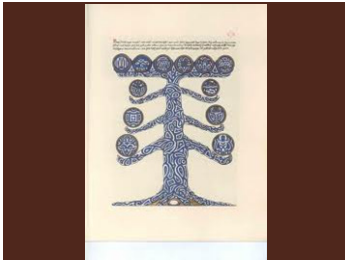
Tal acontece, por exemplo, no episódio do encontro do deus Izdubar. Jung avança por caminho que parece não ter fim. A cena é de montanhas que se perdem na distância. Jung vê figura que se aproxima ao longe, é uma figura gigantesca, seus trajes são o de herói mitológico antigo de uma sociedade tribal. Jung pergunta quem o viajante é e recebe como resposta que o desconhecido chama-se Izdubar, vem do oriente e viaja ao ocidente para conhecer seus povos e seus costumes. Jung revela que vem do ocidente, fala das cidades e seus habitantes, sua tecnologia, suas máquinas voadoras usadas para viagens distantes. Izdubar sente-se fraco, doente, ao estabelecer diálogo com o ser diminuto, com uma linguagem nova para ele, possuidor de um pensamento científico e racional. As referências de Izdubar são os elementos da natureza, os mitos, as profecias e a magia. Sente fraquejar e teme morrer. Deita-se ao solo extremamente fraco. Jung também teme a morte do herói. Subitamente ocorre algo surpreendente, o herói torna-se diminuto e é colocado por Jung em um ovo, começando a entoar cânticos da antiga Índia védica para restaurar a virilidade. O herói, tempos depois é curado e restaurado e renasce sob a forma do deus órfico Phanes. .

Posteriormente, o herói pode ser levado sob sua nova forma até as cidades do ocidente.



O momento da cura de Izdubar pelos rituais mágicos é de tal forma misterioso que Jung lança mão de ilustrações simbólicas, técnicas expressivas não-verbais para descrever o processo. A linguagem racional não tem elementos para expressar o processo de transformação que ocorre nesse momento de cura do deus adoecido, recolhido em forma reduzida dentro de um ovo. Talvez o processo possa apenas ser exposto na forma de ilustrações simbólicas.





Nietzsche declarou que Deus está morto. O processo de cura e restauração de Izdubar, fala ao contrário, da assimilação de um deus antigo ao espaço simbólico interior e sua restauração sob nova forma, a forma simbólica. Jung iria escrever mais tarde, em 1930, no prefácio ao Livro *O segredo da Flor de Ouro* que os deuses clássicos não morreram, mas renovados, produzem os mais variados sintomas no consultório dos terapeutas.⁵

O emprego das ilustrações fala da abordagem pela linguagem não-verbal. Se desde *Anna O.* temos a mensagem de que a psicoterapia é uma cura pela fala, nesses inícios da escola junguiana de psicoterapia temos expressados os caminhos de *uma cura pela não fala* ou por técnicas expressivas diversas.

Um outro aspecto do episódio do herói Izdubar é o próprio nome do personagem. Sabemos hoje que Izdubar é na verdade o antiquíssimo herói sumeriano Gilgamesh, do épico *Gilgamesh, rei de Uruk*. O nome Izdubar foi corrigido para Gilgamesh em textos anteriores à escrita do *Liber Novus* e Jung tinha conhecimento disso. Porque então manteve o nome Izdubar? Essa é mais uma confirmação que os diversos personagens mitológicos, da história antiga, os personagens Bíblicos do antigo e novo testamento que povoam o Livro Vermelho, são na verdade personificações de conteúdos inconscientes do próprio Jung.

O livro vermelho “é também *uma vigorosa afirmação da importância da imaginação ativa como técnica expressiva* de desenvolvimento pessoal. É o método mais eficaz da aproximação da camada pessoal e subjetiva da psique da camada

⁵ Jung, C.G. Jung- Prefácio ao Segredo da flor de ouro.

impessoal e coletiva. Esses dois aspectos da psique se apresentam dissociados e o indivíduo não tem fácil acesso às camadas do inconsciente coletivo que se apresentam com vigor renovador para a consciência.



A QUESTÃO DA PSICOPATOLOGIA E DOS PERIGOS DO INCONSCIENTE

“Mas onde há perigo, cresce
O que salva também”.

Hölderlin.

Entretanto, qualquer aproximação das camadas mais profundas da psique não se faz sem perigos, dos quais o mais freqüente é a doença mental. Mas se aproximar da camada impessoal da psique o indivíduo deve os pés bem plantados na realidade do mundo cotidiano e Jung sabia disso, como psiquiatra experiente, e pelos anos como médico residente do Hospital psiquiátrico cantonal do Burghölzli. Quando da produção do livro *Símbolos de transformação*, Jung interpretou as fantasias espontâneas de Mrs. Miller como um caso prodrômico de esquizofrenia, como escreveu no subtítulo da obra: *análise dos prelúdios de uma esquizofrenia*. Entretanto, investigações históricas posteriores, principalmente de Shamdasani ⁶ demonstraram que na realidade a paciente de Flournoy estudada por Jung tinha um ego razoavelmente bem preservado, sem estrutura psicótica. O diagnóstico de Jung, no caso, mostrava-se pessimista em excesso. Essa cautela contra a psicose se revela em

⁶ Vide Shamdasani: A woman called Frank. Revista Spring, No 50.

Jung mesmo quando das manifestações iniciais do processo intenso de dezembro de 1913, quando da visão do oceano de sangue com a destruição da Europa. Jung temeu o início de um processo patológico. Essa cautela se mostra explicável pelo aspecto ambivalente que as imagens primordiais possuem em si mesmas: se de um lado são o *exilium vitae*, a água da vida, a salvação, por outro, também são a perdição, a desorientação e a dissolução da personalidade em fragmentos.



A INSPIRAÇÃO GNÓSTICA DO LIVRO VERMELHO

O *Liber Novus* emerge em período de crise pessoal de Jung, em momento de grandes decisões e tomada de um caminho mais pessoal em relação às instituições da época. O momento de criação da obra expressa aquele instante de Jung chamaria depois de crise de metade de vida, quando a libido investida no mundo externo, faz um *turning point*, um ponto de virada, e o indivíduo começa a considerar de maneira predominante seus valores subjetivos. Essa crise de meia via, representa no mitologema do herói, o curso do sol ao meio dia, quando ao alcançar o máximo de seu poder de brilho, o sol prepara-se para descer para o ocidente (palavra derivada etimologicamente do latim *occidere*, morrer). O ocidente é o local da morte do sol, se o oriente é o local do nascimento. Diversos autores debateram in extenso a crise de metade de vida, Henri Ellenberger, Murray Stein entre outros.

Entretanto, considero importante perceber o *Liber Novus* como um brotamento da personalidade altamente criativa de Jung, tendo suas origens remontando aos seus questionamentos existenciais e filosóficos desde a infância. É importante lembrar os

sonhos e fantasias de infância relatados no livro de memórias, de modo especial o sonho do falo subterrâneo, o pensamento obsessivo da destruição do templo cristão pelo excremento de Deus, o diálogo com a pedra sobre a natureza de sua identidade pessoal. Notamos nessas fantasias e sonhos a presença questões filosóficas e existenciais, profundas interrogações sobre o papel do homem na sociedade e a religião instituída que irão ter continuidade no Livro Vermelho.

Essas interrogações e buscas encontram seguimento posterior ao *Liber Novus* nos estudos de alquimia, como o próprio autor relata ao final de sua obra. Se o livro propriamente dito é dividido em duas partes, o *Liber Primus* e o *Liber Secundus*, Shamdasani propõe a denominação de *Liber Tertius* para o capítulo *Aprofundamentos*, que contém fantasias e imaginações ativas posteriores a 1916 incluindo *Os Sete Sermões aos Mortos*, um profundo texto de inspiração gnóstica. Os Sermões já apareceram no livro de *Memórias*, entretanto lá, eram atribuídos a um filósofo gnóstico, Basíledes de Alexandria. Agora, Philemon aparece como o verdadeiro autor dos Sermões, fazendo também comentários a cada Sermão.

Há uma íntima associação entre a gnose e a alquimia. Aniela Jaffé⁷ sugere uma continuidade da gnose na alquimia que me parece das mais interessantes. É verdade que Jung mergulhou nos estudos gnósticos e percebeu na gnose uma compensação para a unilateralidade do cristianismo. O mito da totalidade sempre dominou o pensamento de Jung a partir de suas vivências durante a elaboração do *Liber Novus*. O deus gnóstico Abraxas é a representação mais evidente da expressão dos opostos integrados. Abraxas, *o deus dos sapos*, tem em si os opostos e representa um *complexio oppositorum* que satisfez Jung em sua busca de superação da unilateralidade cristã. A gnose tendo origem nos primeiros anos da era cristã compensava, de certa forma a unilateralidade da consciência coletiva de então. Entretanto, embora os arquétipos sejam atemporais, suas manifestações simbólicas, quer sejam individuais quer sejam coletivas, ocorrem em tempo dado, e mudam com o tempo histórico. O processo de compensação simbólica ocorre tanto no indivíduo como

⁷ Ver as contribuições de Jung com relação à alquimia in: Jaffé, A.- From the life and work of C.G.Jung, cap. 2.

na cultura. Com a instauração do cristianismo na cultura ocidental, com sua unilateralidade essencial, formas de compensação se estruturaram no inconsciente coletivo e a gnose é uma delas. Há a manifestação de símbolos semelhantes aos da gnose em sonhos do homem contemporâneo, entretanto haveria uma lacuna histórica entre a gnose e o mundo moderno. Jung encontrou na alquimia medieval a solução de continuidade entre a gnose e as produções contemporâneas de sonhos e fantasias. Essa idéia de uma continuidade simbólica no inconsciente seria análoga à idéia antiga de uma *aurea catena*, a cadeia dourada, uma cadeia de homens sábios que manteria a continuidade simbólica através das gerações.



Se o capítulo *Aprofundamentos* é um *Liber Tertius*, a Torre de Bollingen pode ser considerada um *Liber Quartus*, a expressão tridimensional do *Liber Novus*.⁸ Sabemos o trabalho alquímico envolvido na construção da Torre, o trabalho manual sobre o bloco de pedra e as diversas inscrições e desenhos e inscrições, algumas delas de significado ainda desconhecido. Entre as inscrições mais instigantes, em uma pedra Jung inscreveu:

Santuário de Philemon, arrependimento de Fausto.

Qual seria o significado dessa misteriosa frase? Aqui estão associados Philemon e Fausto. No Fausto de Goethe há o personagem mitológico Philemon, da estória do casal Philemon e Baucis. Diz o mito que Zeus e Hermes desceram à terra dos homens e na aldeia os estrangeiros disfarçados foram ignorados por todos. Somente o casal piedoso, Philemon e Baucis os recebe. Goethe retoma a estória, e escreve que Mefistófeles destrói o abrigo de Philemon e Baucis, diante de um passivo e inoperante

⁸ Shamdasani, Introdução ao *Liber Novus*.

Fausto. O dito de Jung parece indicar a permanente dialética dos opostos, Philemon e Fausto, self e ego dentro da contínua dinâmica do processo de individuação.

BIBLIOGRAFIA

JAFFÉ, Aniela (1972)- *From the life and work of C.G.Jung*. Londres: Hodder and Stoughton..

JUNG, C.G.- (1928/1993) *O problema psíquico do homem moderno*. O.C. Vol. X. Petrópolis, Vozes.

JUNG, C.G.- (1911/1986)- *Símbolos de transformação*. O.C. Vol. V. Petrópolis: Vozes.

SHAMDASANI, Sonu (2010)- Entrevista a Ann Casement no *Journal of Analytical Psychology*. Vol.55 No.1 , fevereiro, p.35 a p.49.

SHAMDASANI, Sonu (2010): “Introdução” in: C.G. JUNG; *Livro Vermelho*, ou *Liber Novus*. Petrópolis: Vozes.

SHAMDASANI, Sonu –(1990). *A woman called. Frank*, Spring 50, pp. 26-56.

VON FRANZ, Marie-Louise (1975)- *C.G.Jung. His Myth in Our Time*. Nova York: C.G. Jung Foundation for Analytical Psychology.